



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

**40 anos de democracias: progressos,
contradições e perspectivas**

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, etnicidade e racismo [AT]

**AS FORMAS DE INTERAÇÃO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROJETOS DE JOVENS
BRASILEIROS IMIGRANTES EM PORTUGAL**

GRACIOLI, Maria Madalena

Doutora

Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ituverava

lenagracioli@gmail.com

Resumo

A investigação da qual resulta este texto teve por finalidade identificar, em meio à numerosa e diversificada população de imigrantes brasileiros que vivem em Portugal, jovens brasileiros que acompanham os pais ou familiares, tendo como objectivo conhecer como ocorrem os seus processos de integração na sociedade acolhedora, a interação com jovens portugueses, e, suas representações acerca da sociedade e dos colegas portugueses. Os resultados revelam que os jovens vivenciam dois processos simultâneos: o gradual e lento desenraizamento da cultura de origem, dos valores e símbolos especificamente juvenis do(s) grupo(s) aos quais se identificavam, e o também vagaroso e contínuo processo de integração na nova cultura, nos valores e símbolos da cultura juvenil de grupo(s) do país acolhedor. Nesse contexto, vão formulando projetos para curto e longo prazo, criando formas de interagir com jovens do novo lugar, (re)negociando e ao mesmo tempo apreendendo novas expressividades, outros valores e formas de vivenciar a sua juventude.

Abstract

The purpose of this research is to identify, in a numerous and diversified population of Brazilian immigrants who live in Portugal, Brazilian young people who follow up their parents or relatives. This work aimed to know how integration processes of these young Brazilians are in the welcoming society, the interaction with Portuguese young people and, their representations with the society and with Portuguese colleagues. The results show that Brazilian young people experience two simultaneous processes: the slow and gradual uprooting of the culture of origin, of the values and symbols specifically youth for the groups that they identify and, the slow and continue process of integration into the new culture, into the values and symbols of youth culture of the welcoming country groups. In this context, they will formulate projects for short and long term, creating interaction forms with young people from the new place, (re)negotiating and, at the same time, apprehending new expressiveness, another values and forms of experience their youth.

Palavras-chave: jovens; imigrantes; projetos; representações sociais

Keywords: young people; immigrants; projects; social representations

Introdução

A pesquisa da qual resulta esse texto foi desenvolvida no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, como parte do estágio pós-doutoral da pesquisadora, e, contou com o apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

Nas pesquisas sobre a imigração brasileira em Portugal, os jovens ainda são poucos visíveis, porque normalmente se tem dado prioridade para as questões económicas, de género e temas relativos à cultura dos imigrantes brasileiros. Desse modo, o objetivo da investigação é fornecer por meio da apresentação de algumas categorias analíticas, com as discussões em torno dos jovens brasileiros que vivem em Portugal, considerando que se trata de uma população com características específicas, que requerem a atenção por parte tanto das Políticas de juventude quanto das Políticas de acolhimento e integração do imigrante.

As pesquisas sobre os jovens no contexto das migrações internacionais ainda são pequenas, mas os resultados dos estudos têm despertado a atenção e o interesse de muitos setores da sociedade tanto do país receptor, quanto do país de origem, com os mais diferentes interesses e motivações.

As pesquisas sobre as migrações internacionais tendem a considerar os jovens apenas como parte do mundo do trabalho, dessa forma, são vistos apenas como trabalhadores, em algumas situações são vistos como filhos de trabalhadores estrangeiros, ou, como estudantes estrangeiros. Portanto, as atuais pesquisas que investigam os jovens imigrantes esforçam-se no sentido de aproximar a Sociologia da Juventude e a Sociologia das Migrações. Nesse sentido, as Políticas de juventude não podem ignorar um dos fenómenos mais marcantes, que mudam a configuração de muitas sociedades: a imigração.

Cabem às Políticas de acolhimento e integração do imigrante e também às Políticas de juventude, a responsabilidade de articular recursos e estratégias para a integração dos jovens imigrantes na escola, no trabalho, e em atividades culturais, assim como facilitar o processo de socialização com os jovens e a sociedade do país acolhedor. Conhecer a especificidade dos jovens imigrantes é de suma importância tanto no campo científico quanto no planejamento de políticas de atenção ao jovem imigrante como a inserção na escola, no mundo do trabalho em atividades desportivas e culturais.

E é nesse contexto, que esta investigação procurou jovens brasileiros que acompanham os pais no processo migratório para Portugal, selecionando três locais do território português, região metropolitana de Lisboa, Costa da Caparica e Porto, com o objetivo de conhecer os jovens em seus contextos vivenciais. Considera-se que esse novo lugar de vivência passa a ser o espaço cotidiano onde os jovens imigrantes vão estabelecer as novas relações, suas práticas e convívios.

Ao desenvolver a pesquisa no lugar de vivência dos jovens foi possível conhecer o seu cotidiano, “ver de perto” o ambiente no qual estão inseridos, conhecer as potencialidades e as vulnerabilidades que se encontram em função do ambiente onde vivem. Falar com eles e não apenas deles, utilizando entrevistas em profundidade, complementadas com a aplicação de questionários eletrônicos, permitiu conhecer as diversas *nuances* que caracterizam a vida de jovens brasileiros que vivem com os pais em Portugal.

1. A inserção de jovens na sociedade acolhedora

A trajetória migratória pode resultar em sucesso ou fracasso, e depende de um conjunto de fatores que são impossíveis de prever no momento da decisão de migrar. No conjunto desses fatores estão as condições que o imigrante vai encontrar na sociedade receptora, que pode favorecer ou dificultar a adaptação e a interação com a estrutura social, na qual o imigrante dará continuidade à sua experiência enquanto ser social. Desse modo, as Políticas de integração do imigrante são de fundamental importância tanto para o imigrante quanto para a sociedade acolhedora, pois as formas de integração e a interação podem facilitar ou dificultar o contato e a convivência para as duas partes.

Nos estudos migratórios uma das definições de integração do imigrante mais habitual é a de Papademetriou (2003), que define integração como o processo de ajustamento e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento, pelo qual, ao longo do tempo, as comunidades recém-chegadas e a população do país receptor formam um todo integrado.

Para Vala *apud* Barreto (2005, p. 284) a “integração corresponde a uma estratégia que associa a manutenção da identidade da minoria e a adoção dos valores nucleares da sociedade de acolhimento”.

Cashmore *apud* Machado (2002, p. 67), numa perspectiva multiculturalista, define integração como a capacidade que diferentes grupos étnicos têm de manter suas fronteiras e individualidade, participando igualmente nos processos fundamentais de produção, distribuição e governo.

Essas definições, ainda que de forma diferente, traduzem que pela integração busca-se a participação das minorias imigrantes e a harmonia com a sociedade acolhedora numa relação de reciprocidade. Isso porque em países com forte influência da imigração há um temor da desintegração, muitas vezes, motivadas por reivindicações consideradas divergentes para o país receptor; portanto, é necessária a existência de políticas de acolhimento e integração do imigrante que lhes ofereçam condições mínimas para aceitação das normas e valores da sociedade de acolhimento, com a aprendizagem da nova língua, a inserção na escola, no trabalho, no sistema de segurança social.

Quando se fala em integração do imigrante referem-se às categorias usuais nos estudos migratórios: integração no mercado de trabalho, escola, sistema de saúde e segurança social, qualificação profissional, moradia, consumo, nível de remuneração, participação civil e cultural, aceitação dos valores e normas, conhecimento da língua da sociedade acolhedora, dentre outras.

Normalmente nas políticas de acolhimento e integração do imigrante não importa o motivo que leva os indivíduos ou famílias a migrarem, isto é, os fatores económicos, políticos ou naturais, ou mesmo as razões pessoais. Também não são levadas em conta as diferenças que os migrantes possam ter, sejam de classe, género ou raça. O que importa é integrá-lo na identidade cultural do grupo dominante, como expõe Bendit (2011, p.155)

A maioria das políticas de integração continua a ter uma orientação etnocêntrica no sentido em que espera que os imigrantes assimilem a cultura da maioria deixando, deste modo, implícito, que as suas próprias culturas são menos valiosas e que as suas práticas são disfuncionais relativamente ao sentido de coesão das sociedades de acolhimento.

Nesse sentido, a integração pouco difere da assimilação, aqui entendida como o abandono ou adaptação por parte dos imigrantes, dos seus estilos de vida e dos seus costumes, e a aquisição dos valores da maioria dominante, o que os tornam admissíveis na sociedade acolhedora, reduzindo a diversidade cultural e aumentando o sentimento de pertença ao grupo maioritário. Ou, numa concepção mais atualizada, corresponde ao que Hall (2003, p. 51) chama de Multiculturalismo liberal: “que busca integrar os diferentes grupos culturais o mais rápido possível ao *mainstream*, ou sociedade majoritária, baseando em uma cidadania individual universal, tolerando certas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado”.

Assim, as políticas e ações de integração do imigrante devem ser realizadas de forma pluridimensional, centrando no desafio de envolver o acolhimento pela coletividade autóctone à valorização do potencial dos seus novos membros de forma a considerar que o processo de acolhimento e inserção não envolve apenas o indivíduo, mas também o grupo e todo o conjunto social e institucional. Se o imigrante for considerado como cidadão que possui diferenças culturais, e, se a ele for dada a oportunidades de participação na vida da nova sociedade, consequentemente despertará interesse em criar novas regras sociais, sejam de intercâmbio cultural, de criação de laços de sociabilidade e de participação em ações coletivas. Nesse sentido, a hipótese que se apresenta é que os interesses que antes eram antagónicos passam a ser produzidos coletivamente em benefício de todos.

Entre os países europeus, Portugal se sobressai pelas políticas de integração dos imigrantes, demonstrando ser democrático no estabelecimento de meios de acolhimento, aproximação e interação dos imigrantes, no entanto, a população jovem ainda passa despercebida. As políticas públicas estão longe de atender as necessidades específicas dessa categoria social; de certa forma negando e ignorando o jovem imigrante enquanto cidadão de direitos. Por conseguinte, não o consideram em sua condição de sujeito social e cultural, seus valores, sua identidade e sua inquestionável condição humana.

2. Interação e socialização

As políticas públicas voltadas para o acolhimento e integração do imigrante devem considerar o lugar da juventude migrante no contexto da nova sociedade, considerando-a em sua forma distinta, com seus objetos, roupas, adereços, relacionamentos, necessidade de formação e inserção no mercado de trabalho.

Dados desta investigação mostram que nem sempre isso ocorre, mesmo com disposição para integrar e inserir o imigrante, a estrutura social coloca desafios que fogem aos objetivos propostos. A maioria dos jovens que participaram desta pesquisa está inserida na escola, seja na Educação básica, secundária ou em cursos superiores. No entanto, seus depoimentos revelam uma série de dificuldades nos processos de socialização e inserção na escola e em atividades desportivas e de lazer.

Em qualquer sociedade, independente da classe social, os jovens procuram diferentes maneiras de ocupar o tempo livre, normalmente os jovens dispõem de mais tempo livre para vivenciar essas atividades com intensidade e quantidade maiores do que as pessoas já inseridas no mercado de trabalho. Naturalmente procuram ocupá-lo em atividades prazerosas nas diversas modalidades desportivas e nas mais diferentes práticas culturais. A realização dessas atividades possibilita o contato com outros jovens e assim surgem os laços de sociabilidade e amizade. Para Pais (1993) a compreensão das distintas formas de apropriação do tempo livre é fundamental em qualquer reflexão sobre a juventude e recomenda “[...] pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre a juventude quiser falar” (p.132).

As atividades desportivas e culturais e outras formas de lazer sempre foram, e continuam a ser, fonte de diversão, entretenimento, descontração e sociabilidade. São palcos em que a maioria dos jovens manifesta pela primeira vez a sua liberdade e independência da tutela dos adultos, sobretudo dos pais e dos professores; são nesses palcos que vão aprender a relacionar e conviver com outros jovens, como iguais. Essa fase da vida é propícia para a aquisição do capital cultural, que irá servir de base para escolhas e projetos para a idade adulta.

A prática do esporte, a participação em atividades de lazer e culturais, além da escola, são os caminhos mais utilizados pelos jovens para fazer amigos, além de que, essas atividades proporcionam o prazer, o divertimento, a espontaneidade e o desenvolvimento físico e cultural.

Na presente pesquisa realizada com jovens brasileiros que vivem em Portugal observou-se que as atividades de lazer realizadas individualmente ou aquelas ancoradas apenas na sociabilidade, são mais frequente que as atividades realizadas em grupos. Marcados por estereótipos, discriminação e preconceito, buscam formas individuais de ocupar o tempo, ou atividades onde e com quem possam compartilhar a cultura e as expressões típicas à maioria dos jovens brasileiros.

Devido às dificuldades de socialização possuem poucos amigos, não raro, por receio da discriminação e assim para preencher o tempo livre optam por atividades individuais e por vezes solitárias: ouvir música, jogos no telemóvel ou vídeo jogos, navegar na internet, assistir televisão (geralmente canais brasileiros), são atividades realizadas dentro de casa, depois da aula ou do trabalho. Por se tratar de formas individualizadas, privadas e, utilizadas para passar o tempo, logo menos coletivas e públicas, dificultam a socialização com os jovens do país acolhedor e, mesmo com jovens de outras nacionalidades.

Em muitas situações a dificuldade de socialização com os jovens portugueses se dá por carregarem a identidade “brasileira”, conseqüentemente a pequena convivência com jovens portugueses fora do espaço escolar, leva os jovens a escolher atividades de lazer, onde é possível o convívio com os amigos brasileiros:

Encontro meus colegas na praia, às vezes quando saio para festas, geralmente são festas de aniversário de algum amigo brasileiro, raramente minha mãe deixa eu ir a discotecas. (Celso, 17 anos, 6 anos em Portugal).

Os meus amigos de verdade são todos brasileiros, costumamos ir a Centros comerciais¹ aqui mais próximo, e quando vamos a Lisboa, a capital, vamos ao Bairro alto, para o Parque das Nações que é um ponto turístico né? Quando é possível para Lisboa, nunca para mais... (Luís, 24 anos, 5 anos em Portugal)

Meu lazer é estar com meus primos, ir à praia e sair nos finais de semana, aqui mesmo na Costa. (Cristina, 17 anos, 1 ano e quatro meses em Portugal)

Essas atividades são voltadas para a sociabilidade, para a convivência, para a troca de experiência com os amigos, tão importantes nessa idade, porém, não são atividades capazes de proporcionar o desenvolvimento físico e cultural, não constituem meios que proporcionam uma maior inserção na sociedade acolhedora e que possibilitaria a convivência com jovens portugueses.

Os jovens que vivem na região metropolitana de Lisboa e na Costa da Caparica possuem formas de lazer e participação em atividades desportivas e culturais fixas na própria região, muitos jovens nunca saíram da Costa da Caparica. Portanto, há duas importantes observações, a primeira é que esse facto parece um pouco contraditório, uma vez que se trata de famílias imigrantes, que ousaram deixar a suas regiões, muitas vezes, pequenas cidades distantes dos maiores centros urbanos do Brasil; ou moravam na periferia das regiões metropolitanas, e embarcaram numa aventura migratória cruzando o oceano Atlântico. No entanto, encontram-se com pouca mobilidade dentro de um país que possui pequena extensão territorial, e que é muito bem servido por todos os meios de transportes, alguns como os comboios e o metro, com preços acessíveis.

Daí resulta a outra observação, que os jovens dessas duas regiões vivem numa verdadeira segregação espacial, todos os seus espaços de vivência e convivência encontram-se limitados nas fronteiras do bairro ou da cidade. De forma diferente, os jovens que vivem na região do Porto, mesmo os sem documentação de residente, e também os mais jovens, possuem maior mobilidade, relatam passeios na cidade do Porto e, independente da região que moram, costumam frequentar bares de brasileiros em Matosinhos.

A segregação espacial é maior para os jovens mais novos, para aqueles que dependem dos pais. Embora, na Costa da Caparica essa pequena mobilidade espacial se apresenta comum aos jovens de todas as idades. Para os jovens sem documentação de residente a mobilidade espacial além de pequena compromete as atividades de lazer, geralmente reduzidas a lugares onde o risco da presença da polícia ou do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF seja pequeno, normalmente, encontram os amigos na praia, na casa de algum deles ou em locais públicos discretos.

As atividades coletivas quando realizadas, na maioria das vezes são com amigos brasileiros: jogar futebol, capoeira, música brasileira, entre outras, assim, procuram preservar amigos e a cultura de origem:

Depois que eu saio da escola costumo ir ao treino de futebol, é lá que encontro meus amigos, um dia pretendo ser jogador de futebol, acho que é o sonho de muitos meninos [...] (Leandro, 16 anos, 5 anos em Portugal)

Eu e meu irmão participamos e um grupo de percussão, o professor é um baiano, que segue o modelo do Olodum. (Lucas, 16 anos, 6 anos em Portugal)

Depois da aula, vou duas vezes por semana na aula de capoeira. (Lucia, 17 anos, 5 anos em Portugal)

A dificuldade de socialização, de estabelecer laços de amizade e partilha com jovens portugueses, deixa evidente a necessidade da participação dos adultos para ajudá-los a encontrar formas de tecer laços de reciprocidade e meios de compartilhar as duas diferentes culturas, proporcionando aos jovens brasileiros maior emancipação e reconhecimento da sua condição de jovem imigrante. Esse olhar na perspectiva da condição “jovem”, e não simplesmente do imigrante, passa despercebido nas políticas de acolhimento aos imigrantes, mas que são importantes aspectos da vida cotidiana, por isso, não pode ser ignorado.

3. Nós os brasileiros, eles os portugueses

As representações sociais, como categoria analítica estruturada na área da Psicologia Social, são consideradas fundamentalmente como um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Tais coisas que nos parecem estranhas e perturbadoras têm também algo a nos ensinar sobre a maneira como as pessoas pensam e o que as pessoas pensam (Moscovici, 2010).

Esse autor compreende as representações sociais como formas de conhecimento primordiais, socialmente elaboradas e compartilhadas, construídas com a finalidade prática de conhecer o mundo e sobre ele atuar, dando respostas às demandas colocadas pelo quotidiano (1978, 1988).

Desse modo, quando se fala em representações sociais, parte-se da premissa de que elas sejam elaborações mentais construídas socialmente, considerando a dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. O objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, ou seja, uma réplica interiorizada da ação.

Para Moscovici (2010) as representações sociais possuem duas funções:

a) Elas “convencionalizam” os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. [...] Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. (p. 34)

Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitam ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. (p.35)

b) Representações são ‘prescritivas’, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (p.36)

Portanto, as representações sociais são partilhadas pelas pessoas influenciando umas às outras.

Os jovens que participaram desta investigação mostraram ao longo das entrevistas as representações construídas acerca dos colegas portugueses:

A grande maioria é muito bem informada em nível de conhecimentos gerais, de modo geral possuem grande conteúdo literário. Mas sem dúvida que é uma juventude que cresce cada vez mais em "decadência psicológica" com uso muito precoce de ansiolíticos e antidepressivos. Em consequência da depressão, são alcoólicos prematuros, fumantes e usuários de drogas antes de 16 anos. Vivem em uma utopia social. Desconhecem uma vida saudável e pouco praticam desporto. (Letícia, 20 anos, 6 anos em Portugal)

São pessoas legais, mas na deles, não gostam de sair, estudam muito e são também muito fechados. (Petúlia, 18 anos, 5 anos em Portugal)

Um pouco acomodados, não gostam de trabalhar nem de estudar, ficam à espera de milagres. (Cleber, 24 anos, 14 anos em Portugal)

Acho que os jovens portugueses não são felizes, não se esforçam, são acomodados, e como sempre tiveram tudo de mãos beijadas não valorizam o que tem. (César, 22 anos, 8 anos em Portugal)

Nas representações construídas sobre os colegas portugueses em algumas coisas estes aparecem como melhores; em outras os brasileiros. Pelas dificuldades que sentem na escola para acompanhar o ritmo de estudos, uma vez que consideram que no Brasil o ensino é mais “fraco” que em Portugal, a tendência é valorizar a capacidade intelectual e as habilidades literárias dos jovens portugueses, e essa é a única representação positiva que possuem acerca dos colegas lusitanos.

Predomina, em contrapartida, uma imagem negativa dos jovens portugueses: fechados, pouco esforçados, infelizes, prematuramente usuários de drogas, fumantes e alcoólatras. Essas representações são criadas a partir das representações que possuem de si mesmos, não somos inteligentes, não dominamos os conteúdos escolares, mas somos alegres, felizes, responsáveis. Desse modo, é preciso compreender que esses jovens são seres deslocados de seu lugar de origem, distantes da cultura da sua terra natal, inseridos em outra realidade social e cultural, com expectativas diferenciadas dos jovens portugueses, com dificuldades variadas e com distintos níveis de apreensão crítica da realidade. Além disso, é preciso considerar ainda, que estas representações são

construídas a partir da vivência numa sociedade que os discriminam, onde possuem pouco espaço para manifestação de seu modo de ser.

A percepção da desigualdade e o reconhecimento por parte dos jovens brasileiros de que eles não fazem parte da sociedade portuguesa, mas que também não são apartados do todo social, e que, se veem diante de uma realidade que os cerca e os confinam na situação de estrangeiros, de pobres, marcados por estereótipos, os levam numa forma inconsciente de auto defesa, a criar uma imagem negativa do outro e de valorizar as características positivas da sua identidade brasileira, portanto, a forma como se veem e se reconhecem num contexto social não favorável às suas experiências juvenis, os condicionam a não reconhecerem o lugar onde vivem como constitutivo da sua identidade, preferindo apegar-se às suas origens.

Nas suas representações estão presentes também como imaginam que os jovens portugueses veem os jovens brasileiros:

Com muita admiração, acho que eles gostam do nosso jeito alegre de ser e, que gostariam de ser como nós. (Paula, 16 anos, Porto, 4 anos em Portugal)

Criou-se aqui um estereótipo em que o brasileiro ou é ladrão, traficante, malandro ou prostituta, é difícil escapar desse estereótipo. (Priscila, 24 anos, Porto, 14 anos em Portugal)

Eles não gostam muito de brasileiros, mas acho que a mulher sofre maior discriminação, por estar sempre associada a prostituição. (Liliana, 22 anos, Lisboa, menos de 2 anos em Portugal)

Acho que os mais velhos são mais preconceituosos em relação aos brasileiros que os jovens, mas a imagem do brasileiro é queimada, visto como ladrões, baderneiros e preguiçosos. (César, 24 anos, Costa da Caparica, 14 anos em Portugal)

Parece que eles não gostam muito de brasileiro, mas no meu trabalho eu não tenho problemas, eles me tratam bem, acho que até gostam de mim, porque sou sempre alegre, estou sendo fazendo piadas. (Lucas, 22 anos, Lisboa, 2 anos em Portugal)

A imigração é acompanhada de múltiplas alterações que afetam a identidade dos jovens, o contato com a cultura juvenil do país acolhedor pode causar certa estranheza, e, se o processo de interação não for bem sucedido, pode criar resistências à incorporação dos novos elementos culturais disponíveis na sociedade de acolhimento, que levam a mudanças na autoimagem e nas relações com os outros. Sofrendo influências diversas, por vezes contraditórias, os jovens têm que desbravar um difícil caminho para a constituição da própria identidade, trata-se de uma senda difícil, que é obter o reconhecimento e fugir do preconceito, da discriminação e, especificamente dos estereótipos, como evidenciam os depoimentos acima. Percebe-se também a necessidade que possuem de autovalorizar a própria imagem e criar uma imagem negativa dos jovens portugueses; por outro lado, a imagem que acreditam que os outros possuem de si, é um tanto contraditória, mas sem dúvida assentada nos estereótipos.

A impossibilidade de ter por parte da sociedade portuguesa o mesmo reconhecimento atribuído aos jovens autóctones, seja no estudo, no trabalho, em atividades desportivas ou culturais, faz com que se sintam inferiores aos jovens portugueses.

Considerações finais

Ao investigar a experiência dos jovens brasileiros em sua experiência como imigrantes em Portugal, possibilitou conhecer um quadro caracterizado por conquistas, por angústias, pela saudade, mas também pela esperança. Foi possível verificar que as deficiências na concepção e implementação das Políticas de atenção ao imigrante, especialmente de acolhimento e integração dos jovens os afetam no seu reconhecimento como cidadão de direitos. As desvantagens em relação aos jovens autóctones, e, em muitas situações a discriminação e o preconceito, os levam a escolher formas de ocupar o tempo livre individuais, solitárias afastando-os ainda mais dos colegas lusos. Com os colegas brasileiros procuram matar a saudade da terra natal com músicas, com o futebol, em festinhas na casa de amigos, encontros na praia ou em Centros comerciais.

A impossibilidade de inserção na nova sociedade em condições de igualdade com os jovens portugueses os levam a construir uma representação por vezes ambivalente de si mesmo e do outro. Se por um lado consideram os jovens portugueses com capacidades intelectuais e literárias superiores às suas, por outro, os consideram com habilidades de socialização inferiores. Procuram tirar proveito de alguns estereótipos atribuídos aos brasileiros, da simpatia e da alegria, mas também não conseguem escapar dos negativos, do malandro, traficante, prostituta.

Portanto, verifica-se que não se pode falar em integração de jovens, apenas numa inclusão parcial, seja na escola, no trabalho e em atividades culturais e desportivas. Uma maior disposição da sociedade e dos jovens portugueses em acolher os jovens imigrantes inserindo-o em todas as instâncias da vida social, e, por outro lado, uma maior disposição dos jovens brasileiros em apreender os valores juvenis da nova cultura, poderia constituir em importante ferramenta de inclusão.

Referências bibliográficas

Barreto, António. (Org.) Globalização e migrações. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2005.

Bendit, René. Jovens imigrantes na Europa: aprender a lidar com transições incertas. In: PAIS, José Machado; Bendit, René; Ferreira, Vítor Sérgio. (Orgs.) Jovens e rumos. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

Hall, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Machado, Fernando Luís. Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos Guineenses em Portugal. Oeiras: Celta, 2002.

Moscovici, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. (Org.) Psychologie sociale. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

_____. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Pais, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

Papademetriou, Demetrios G. – Policy considerations for Immigrant Integration, Migration Information Source. Fresh Thought, Authoritative Data, Global Reach, Migration Policy Institute, 2003. Disponível em: www.migrationinformation.org/Feature/print.cfm?ID=171 . Acesso: 08/05/2010.

ⁱ Centro comercial, mais conhecido no Brasil como *shopping*. Esse jovem mora na região metropolitana de Lisboa – Odivelas.